

Regarding Landscape: a Le Corbusier's architectural intent

Diogo Nogueira¹, Helder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

The landscape plays a decisive role to a broader comprehension of Le Corbusier's diverse body of work. Ever since his return to La Chaux-du-Fonds - after the *Voyage d'Orient* - the lessons upon landscape learnt in the East become a constant source of resources to be used by Le Corbusier to deepen the problematization of architecture. Indeed, the various publications from the 1920s underline a reflection on nature and landscape at the service of the themes that transversally cross Le Corbusier's artistic and architectural thinking. Particularly, we could read in "*L'Illusion des plans*" - an article first published in the revue *L'Esprit Nouveau* in 1924 - a personal definition of landscape and how it should be integrated in the design process.

Having regard to « *L'Illusion des Plans* », the present paper aims to discuss Le Corbusier's continuous research to achieve harmony between architecture and landscape. We set to explore how observation and interpretation through drawing constitute the most significant moments concerning the initial approach to the project through the understanding of landscape as a fundamental condition of architecture. Using the Villa Savoye (1928-31) and the Convent of la Tourette (1953-1959) as study cases, we will be able to understand how the building's site and surroundings will guide the development of the design process.

This study is part of an ongoing master thesis on Master's Degree in Architecture, at FAUP, 2017/18, under the supervision of Helder Casal Ribeiro. It is our objective to contribute to the growing body of research on the relationship between Le Corbusier's work and landscape.

Regarding Landscape: a Le Corbusier's architectural intent

O tema da paisagem assume importância singular para a compreensão plena da obra de Le Corbusier. Desde o regresso em Novembro de 1911 a La Chaux-de-Fonds – após a Viagem ao Oriente – as lições sobre a paisagem aprendidas entre Istambul, Atenas e Roma tornam-se uma constante fonte de recursos a utilizar por Le Corbusier para aprofundar a sua problematização da arquitectura. Efectivamente, desde o início dos anos 20, a escrita de Le Corbusier evidencia uma reflexão sobre a natureza e a paisagem ao serviço dos temas que, transversalmente, atravessam o seu pensamento artístico e arquitectónico. Em particular, poderemos interpretar em “Le dehors est toujours un dedans”, um ponto do capítulo “L’Illusion des Plans”, uma definição de paisagem para Le Corbusier e como deverá ser integrada no processo de desenho.

Neste ponto do artigo publicado primeiramente na revista *L’Esprit Nouveau* em 1922, a planta é definida como uma tabela analítica dos temas que intervêm no projecto, e, portanto, deve organizar as intenções do arquitecto para que se tornem inteligíveis, executáveis e transmissíveis. Torna-se necessário, por isso, no desenho de uma planta estabelecer eixos de composição, que serão interpretados como uma linha que levará à concretização de um objectivo, ou seja, exprime-se uma intenção – tal como afirma Le Corbusier: *o eixo mete em ordem a arquitectura. Fazer a ordem é começar uma obra*¹. Neste sentido, Le Corbusier reconhece os elementos de um sítio, como a topografia, a vegetação ou mesmo o horizonte, como condições essenciais para a organização e estruturação dos eixos de composição. É imperativo, portanto, analisar e compreender não apenas o espaço delimitado pelo projecto a desenhar, mas também toda a envolvente na composição do projecto. Desta forma, paisagem, condição fundamental da arquitectura, poderá ser interpretada na obra de Le Corbusier pela extensão de território, na qual o projecto se insere, captada por um observador e cujos componentes – materiais e sensoriais - se apresentam ao arquitecto pelo seu *cube*, ou seja, pelo seu volume e densidade, pela qualidade do

¹ “L’axe est le metteur en ordre de l’architecture. Faire de l’ordre, c’est commencer une oeuvre.”, LE CORBUSIER, SAUGNIER. “L’Illusion des Plans.” *L’Esprit Nouveau* 15 (1922), p.1773

seu material, portadores de sensações bem definidas e bem diferentes, como elementos necessários para a organização de todo o espaço, tanto interior como exterior.

Ao longo da contínua diligência por demonstrar, de uma forma mais ou menos subliminar, a necessidade de harmonia entre arquitectura e paisagem, duas temáticas parecem destacar-se pela presença permanente no seu discurso, constituindo talvez os momentos mais significativos no que diz respeito a uma abordagem inicial ao projecto através do entendimento da paisagem como condição fundamental da arquitectura: a observação e a interpretação. Neste sentido, o desenho, o esquisso, torna-se uma ferramenta primordial para a compreensão e apropriação do que é observado.

A propósito do Convento de la Tourette - obra que não retratando exactamente o final da sua obra, representa a maturação dos temas explorados ao longo do seu percurso - Le Corbusier reconhece como a sua interpretação dos elementos da paisagem será determinante na decisão da implantação e, conseqüentemente, na orientação do processo de desenho. Como poderemos observar, um desenho da primeira visita ao terreno regista a rua, horizonte, orientação do sol, topografia, como ainda sugere, desde logo, as primeiras linhas condutoras para o desenvolvimento dos temas de desenho do convento: um volume quadrangular organizado em torno de um pátio, elevado do solo, orientado a Oeste, ao horizonte.

Após este momento inicial de contacto com o local, determinante na definição da implantação, poderíamos destacar duas tendências de composição, no que poderíamos designar como o seu jogo a dois entre afirmação-homem com ou contra presença-natureza. Por um lado, o domínio da linha horizontal que orienta o desenvolvimento do desenho. Uma linha horizontal, limpa e rigorosa, que organiza o edifício em tensão com as irregularidades de uma paisagem definida pelas pendentes das colinas e dos montes, como no Convento de La Tourette. Em Eveux, Le Corbusier define uma linha-base, como afirma *uma horizontal do edifício no topo que*

comporá com o horizonte. E a partir dessa horizontal no topo nós mediremos todas as coisas e alcançaremos o solo no momento onde o tocaremos.¹²

Por outro lado, a dinâmica presente no seu conhecido manifesto: a *arquitectura é o jogo sábio, correcto e magnífico de volumes dispostos sob a luz*³. Ao invés da tensão horizontal/paisagem irregular, a intenção arquitectónica atinge a emoção através da composição de formas autónomas realçadas pela serenidade da topografia envolvente.

Não só pela abordagem inicial se concretiza a harmonia entre paisagem e arquitectura. Le Corbusier estabelece na sua linguagem arquitectónica um meio essencial na sua procura. Neste sentido, os cinco pontos de uma arquitectura afirmam-se como uma das principais ferramentas de composição na obra de Le Corbusier. Em boa verdade, poderemos compreender como três desses pontos – a cobertura ajardinada, a construção elevada sobre pilotis e a janela horizontal – relacionam-se directamente com a questão da paisagem. A teoria da cobertura ajardinada demonstra um crescente desejo de integrar a natureza na habitação, permitindo não só a continuação dos jardins exteriores na cobertura. A construção da casa sobre pilotis parece ecoar a determinação grega expressa por Auguste Choisy: através da elevação em relação ao solo possibilita-se que o terreno mantenha a sua pendente natural. Por último, a janela horizontal integrando o vasto horizonte que o projeto deveria absorver no seu interior.

Para terminar, recordemos que *Le Dehors est toujours une dedans* - o exterior é sempre um interior. Para além dos eixos compositivos traçados de acordo com a paisagem que orientam o desenho da planta do projeto, poderemos observar ao longo de toda a sua obra a aplicação de diferentes dispositivos arquitectónicos que desenham progressivos níveis de concentração e intimidade com a paisagem. Ou seja, a *promenade architecturale* não irá apenas guiar a aproximação e descoberta do

² «Ici, dans ce terrain qui était si mobile, si fuyant, descendant, coulant, j'ai dit : je ne vais pas prendre l'assiette par terre puisqu'elle se dérobe ou alors cela coûterais les frais d'une forteresse romaine ou assyrienne. On n'a pas l'argent et ce n'est pas le moment de le faire. Prenons l'assiette en haut, à l'horizontale du bâtiment au sommet, laquelle composera avec l'horizon. Et à partir de cette horizontale au sommet on mesurera toute chose depuis là et on atteindra le sol au moment où on le touchera.» LE CORBUSIER, in PETIT, Jean. *Un Couvent de Le Corbusier*, p.28.

³ L'architecture est le jeu savant, correct et magnifique des volumes assemblés sous la lumière. LEN 01, p.92

edifício na sua envolvente, como a continuação do percurso no interior permitirá uma redescoberta orientada da paisagem e um diálogo singular de cada espaço com os elementos exteriores.

Assim, poderemos observar a harmonia entre arquitetura e paisagem na obra de Le Corbusier desde a sua primeira visita ao terreno, o primeiro esquisso até visitarmos e vivermos os seus espaços.